

Testes com nova vacina para malária revelam 100% de eficácia

Cientistas testaram vacina em 35 participantes e estão optimistas, mas avisam que, antes de se pensar em estratégias de vacinação em massa nos países mais afectados, é preciso mais investigação

Saúde
Andrea Cunha Freitas

Um ensaio clínico de uma nova vacina contra a malária revelou uma eficácia de 100% num grupo de nove pessoas que recebeu três doses com intervalos de 28 dias. Segundo o artigo publicado hoje na revista *Nature*, a protecção manteve-se dez semanas após a última dose da vacina. A equipa de investigadores usou os parasitas vivos da malária encontrados nas glândulas salivares do mosquito que infecta os humanos para estimular a imunidade num grupo de 35 voluntários saudáveis.

Apesar de todos os esforços, ainda não existe uma vacina para a malária no mercado. Nos últimos anos, multiplicam-se as notícias sobre os bons resultados de experiências e ensaios clínicos que se realizam em vários laboratórios. Parece que estamos cada vez mais perto mas ainda não chegámos lá. Para já, existe apenas uma vacina, identificada como RTS,S/AS01, da empresa farmacêutica GlaxoSmithKline, que é destinada às crianças e que foi aprovada pela Agência Europeia do Medicamento. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), esta vacina garante uma protecção entre os 30 e 50% e deverá ser usada em campanhas de imunização em 2018.

O artigo publicado na *Nature* é mais um exemplo do esforço no combate desta doença que, em 2015, infectou 212 milhões de pessoas e matou 429 mil. Os investigadores estão a explorar várias estratégias de vacinação que usam o parasita *Plasmodium falciparum* (vivo atenuado ou inactivado) que causa a doença e que é transmitido através da picada de mosquitos (a fêmea) *Anopheles*.

Nesta investigação, os cientistas usaram uma vacina chamada PfSPZ que é composta por parasitas vivos que estimulam a imunidade e que são mortos por fármacos antimaláricos administrados ao mesmo tempo. Segundo refere ao PÚBLICO Stephen Hoffman, investigador do laboratório Sanaria, nos EUA, e um dos autores do artigo, este ensaio clínico foi realizado na Alemanha e a mes-

ma vacina está a ser testada – com diferentes estratégias – nos EUA e na Guiné Equatorial. Nos próximos meses, acrescenta, deverão arrancar outros ensaios clínicos nos EUA, Mali, Gabão e Gana.

Os investigadores querem testar esta nova fórmula com diferentes doses, diferentes intervalos entre as administrações, em diferentes populações e com diferentes estirpes do parasita. Para já, os resultados são animadores. Este ensaio clínico usou 35 voluntários saudáveis que receberam doses variáveis da vacina e, simultaneamente, de um fármaco antimalárico (cloroquina). Depois, os participantes foram infectados com a mesma estirpe de malária usada na vacina. No esquema de vacinação com três doses e quatro semanas de intervalo, os que receberam as do-

ses mais baixas mostraram uma protecção que variou entre os 33% e os 67%. Porém, no grupo de nove participantes que recebeu as doses mais elevadas com os mesmos 28 dias de intervalo ninguém foi infectado pelo parasita. A vacina não provocou efeitos secundários e, passadas dez semanas da última imunização, continuava a proteger os voluntários.

É pior em África
“Só estão publicados três ensaios clínicos de vacinas contra a malária que revelaram 90% ou mais de eficácia. São todos de vacinas concebidas por nós”, refere o investigador do laboratório Sanaria. Em relação às outras vacinas testadas pela mesma empresa, Stephen Hoffman acredita que esta nova versão “garante o mesmo nível de protecção mas usando

significativamente menos PfSPZ, o que quer dizer que o custo de produção será também significativamente mais baixo”.

Apesar do optimismo, os autores deste trabalho notam que é preciso mais investigação e mais ensaios com diferentes estirpes do vírus e diferentes esquemas (doses e intervalos) até perceber se a PfSPZ pode servir para vacinação em massa numa estratégia de prevenção contra a malária.

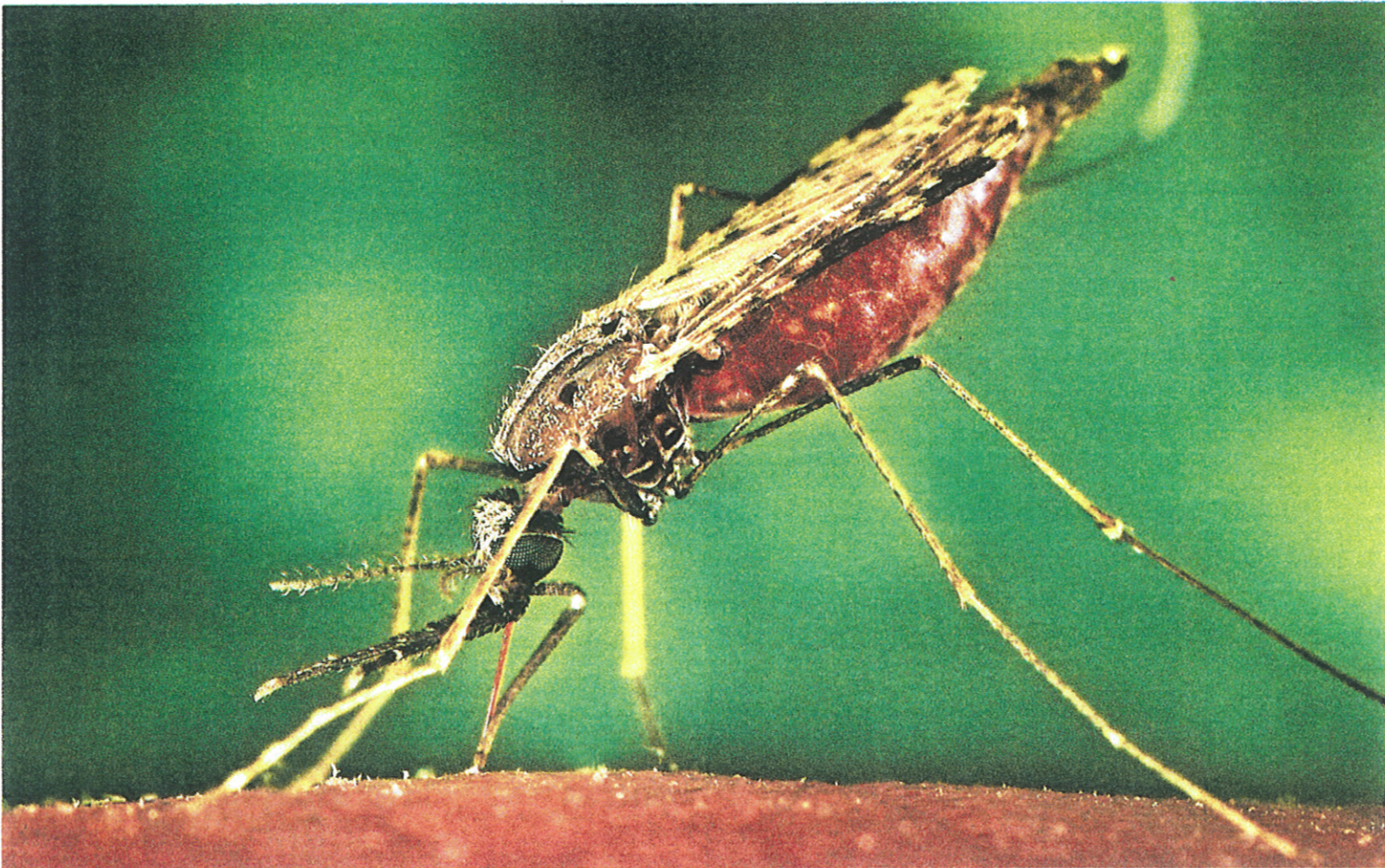
Enquanto se espera por estes (e outros) resultados das investigações, a malária continua a ser um dos principais problemas de saúde pública mundial. Em 2015, o parasita era endémico em 95 países. O *Plasmodium falciparum* é prevalente na África subsariana, onde a doença é mais devastadora, com 88% dos casos e 90% das mortes. O *Plasmodium*

vivax está pouco representado naquele território, mas predomina na Índia, no Sudeste asiático e na América Central e do Sul.

E os parasitas também parecem estar a esforçar-se para resistir aos ataques dos cientistas. Segundo um estudo recente na revista *Lancet Infectious Diseases*, os parasitas da malária que resistem aos melhores fármacos que dispomos actualmente – a artemisinina e a piperaquina – já estão espalhados por todo o Camboja, pelo Sudeste do Laos e pelo Nordeste da Tailândia.

A estratégia da OMS para a malária estabelece o ambicioso objectivo de uma redução de “pelo menos 90%” na incidência e taxas de mortalidade em 2030.

acfreitas@publico.pt



Mosquito *Anopheles*, que transmite os parasitas da malária aos humanos